Humanização nas ruas: um diálogo com o Padre Júlio Lancellotti



ENTREVISTADO: **Padre Júlio Lancellotti**

A convivência com a população em situação de rua nos convida cotidianamente a refletir sobre humanidade, justiça social e solidariedade radical. É no chão das ruas, nas dores partilhadas e nas pequenas lutas por dignidade que a transformação real ganha vida — princípios que dialogam diretamente com a atuação do Movimento de Educação de Base (MEB) e com os encontros de educação e cultura promovidos com os frequentadores da Casa do Pão, em Recife.

Nesta entrevista exclusiva para a Revista MEB, conversamos com o Padre Júlio Lancellotti, vigário episcopal para a População de Rua da Arquidiocese de São Paulo e uma das vozes mais expressivas na defesa dos direitos humanos no Brasil. Há mais de quatro décadas dedicado ao acolhimento e à convivência com os marginalizados, Padre Júlio nos traz uma leitura profunda e provocativa sobre o sentido do serviço, os limites do Estado neoliberal diante da miséria e os desafios de perseverar em meio ao conflito.

Confira a seguir a íntegra desse diálogo que inspira esperança, desperta a consciência crítica e nos convoca a habitar a história ao lado daqueles que a sociedade insiste em invisibilizar.

Esta entrevista foi concedida ao MEB/Brasília em setembro de 2026.

> ***Quem está do lado dos rejeitados vai ser rejeitado. Quem está do lado dos criminalizados vai ser criminalizado. Quem está do lado dos abandonados vai ser abandonado também."***
>
> (Pe. Júlio Lancellotti)

Revista MEB: ***Padre Júlio Lancellotti, o que o levou a trabalhar junto à população de rua? Como foi o começo desse trabalho?***

Pe. Júlio: Eu sempre trabalho com o conceito de que eu convivo com a população de rua. Então, não é um trabalho, o trabalho torna um outro objeto. Conviver é com pessoas.

Então, essa convivência foi através da Irmã Nenuca, da UAF, da Organização de Auxílio Fraterno, porque eu sempre convivi com populações consideradas marginalizadas, como os adolescentes em conflito com a lei, privados de liberdade. E pela Irmã Nenuca eu me aproximei, dado que ela fazia essa convivência e a missão do povo da rua. Mas isso há mais de 40 anos.

Revista MEB: ***Padre, somos um núcleo do Movimento de Educação de Base, que em Recife leva adiante encontros de rodas de educação e cultura com a população de rua que frequenta a Casa do Pão, em Recife. Poderia falar um pouco sobre as atribuições da Pastoral da sua Igreja junto à população de rua?***

Pe. Júlio: O principal é conviver. Eu visitei a Casa do Pão no Recife e vejo que há atividades muito semelhantes. Para nós, partilhar o pão não é a finalidade. Nós não somos distribuidores de pão. O pão é um meio de aproximar. É o meio de estar junto, é o meio de conviver, é o meio de ouvir, o meio de olhar, o meio de perceber. E daí nascer em respostas. Então, o início, e isso foi o que eu aprendi muito com a Irmã Nenuca, com a Organização de Auxílio Fraterno, conviver. É preciso conviver, sentar-se junto, partilhar junto, estar junto, perceber a dor, a alegria, o sofrimento, a esperança. E dar passos. É um processo, como o Papa Francisco insistiu muito de nós iniciarmos processos.

São processos de humanização. No gesto de lavar um prato, no gesto de partilhar um pão, no gesto de conseguir sentir um gosto diferente. Nós não vamos conseguir mudar essa estrutura de desigualdade com tanta rapidez. Mas nós podemos questionar essa estrutura de desigualdade num gesto pequeno, mas num gesto que alimente e fortalece.

Revista MEB: ***E na sua opinião, padre, o que precisa para que os estados e municípios efetivem políticas públicas estruturantes para a população de rua?***

Pe. Júlio: Então, isso eu acho que é um desafio maior. Porque, no Estado capitalista neoliberal, a chamada política pública sempre será a manutenção da miséria. Então, nós vemos que as áreas sociais sofrem muito. Educação, a saúde tem um valor consignado, a educação tem um valor consignado. Há hoje uma grande luta para que a assistência social também tenha um valor consignado, um percentual. E não há. Então, isso depende de governos e não é política de Estado. Então, não há uma política de Estado. Há ações de governo. O governo passa, as ações mudam.

Revista MEB: ***E ao longo de todo o seu trabalho, padre, com as pessoas em situação de rua, quais os aprendizados e mensagens de esperança que o senhor quer deixar para outros atores comuns do nosso núcleo? Especialmente para as pessoas mais jovens.***

Pe. Júlio: Perseverar. Saber que a nossa ação é conflitiva. Que nós vamos ter que viver no meio de conflitos, de desgastes, de situações difíceis. Uma coisa que eu tenho repetido muito, que é muito doloroso aprender e vivenciar. Quem está do lado dos rejeitados vai ser rejeitado. Quem está do lado dos criminalizados vai ser criminalizado. Quem está do lado dos abandonados vai ser abandonado também. Então, é duro demais sentir isso, vivenciar isso. Mas, historicamente, é isso que acontece.

Revista MEB: ***O que a convivência, padre Júlio, com as pessoas em situação de rua, ensina sobre os caminhos para a construção da paz entre as pessoas e os povos?***

Pe. Júlio: Então, depende do que nós chamamos de paz. Num mundo com tanta desigualdade, com tanta polarização, o que é a paz? A paz não é simplesmente a ausência de guerra. A paz é uma conquista e a paz é inquieta. Paz não é sossego. Paz, muitas vezes, é dor. É não agredir, é não retribuir a agressão. Então, a convivência com a população em situação de rua ensina que a busca da paz é dolorosa, é difícil, é histórica e faz chorar.

"É preciso conviver, sentar-se junto, partilhar junto, estar junto, perceber a dor, a alegria, o sofrimento, a esperança. E dar passos."

(Pe. Júlio Lancellotti)

BIOGRAFIA

Padre Júlio Lancellotti

Padre Júlio Lancellotti, nascido em São Paulo em 1948, é um sacerdote católico reconhecido nacionalmente por sua dedicação à defesa da dignidade humana e ao cuidado dos mais vulneráveis. Formado em Pedagogia e ordenado padre em 1985, fez de seu ministério uma presença constante junto aos pobres, excluídos e marginalizados.

Ao longo de sua trajetória, destacou-se pelo acolhimento de crianças com HIV/AIDS, pela defesa dos direitos de adolescentes em situação de vulnerabilidade e pela denúncia de violações cometidas contra jovens internados na antiga FEBEM. Como coordenador da Pastoral do Povo da Rua, tornou-se uma das principais vozes na luta pelos direitos da população em situação de rua, promovendo não apenas assistência, mas também inclusão, cidadania e respeito à dignidade humana.

Entre suas iniciativas mais marcantes estão a criação de espaços de acolhimento, saúde, higiene e alimentação para pessoas em extrema vulnerabilidade, além de sua atuação em defesa de políticas públicas voltadas à proteção dos mais pobres. Seu trabalho inspirou inclusive a criação da chamada "Lei Padre Júlio Lancellotti", voltada ao combate da arquitetura hostil.

Reconhecido por diversas premiações e homenagens, Padre Júlio tornou-se símbolo de uma Igreja comprometida com os valores do Evangelho, dedicando sua vida a servir, acolher e defender aqueles que frequentemente são esquecidos pela sociedade. Sua trajetória é marcada pela opção preferencial pelos pobres e pelo testemunho concreto de solidariedade, justiça e misericórdia.